

A sustentabilidade como Itinerário Formativo nos espaços da Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins

Sustainability as a Training Itinerary in the spaces of the University of Maturity of the Federal University of Tocantins

Marlon Santos de Oliveira Brito^{1*}, Neila Barbosa Osório¹, Luiz Sinésio Silva Neto¹, Nubia Pereira Brito Oliveira¹, Fernando Afonso Nunes Filho¹, Marcela Cristina Barbosa Garcia¹, Francijanes Alves de Sousa Sá¹, Elizângela Mendes Sousa Carneiro¹

RESUMO

Com mudanças na Educação Nacional, as trocas e transferências culturais recebem força por meio da Escola, em seus espaços pedagógicos de trajetória do aluno ao longo do período de vida escolar. Diante disso, objetivamos divulgar percepções sobre projetos transversais de Educação Ambiental, mantidos pela parceria de Escolas da Educação Básica com a Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT), na cidade de Palmas, Tocantins. Observamos como os Itinerários Formativos que abrangem a sustentabilidade envolvem as pessoas idosas em currículos escolares na educação intergeracional. Entre os métodos, estão o fichamento de referências bibliográficas, um estudo de caso e a coleta de dados qualitativos por meio de reuniões com os alunos da UMA/UFT e profissionais das Escolas, mediados por formulários com perguntas semiestruturadas. Nossos resultados são rastros de uma Tecnologia Social que une Escolas de Educação Básica e Universidade, com atividades que alcançam componentes curriculares, projetos, cursos, oficinas entre outras situações de ensino e aprendizagem. Concluímos que a produção acadêmica compartilha informações úteis ao diálogo sobre a prática curricular de Itinerários Formativos e convida para imersões nas instituições de ensino públicas e privadas para uma vivência mais próxima e registros das percepções do fenômeno.

Palavras-chave: Práticas educativas; Educação intergeracional; Itinerários formativos; Educação de jovens e adultos.

ABSTRACT

With changes in National Education, cultural exchanges and transfers receive strength through the School, in its pedagogical spaces of the student's trajectory throughout the period of school life. In view of this, we aim to disseminate perceptions about transversal projects of Environmental Education, maintained by the partnership of Schools of Basic Education with the University of Maturity, of the Federal University of Tocantins (UMA/UFT), in the city of Palmas, Tocantins. We observe how the Training Itineraries that cover sustainability involve older people in school curricula in intergenerational education. Among the methods are the filing of bibliographic references, a case study and the collection of qualitative data through meetings with UMA/UFT students and professionals from the Schools, mediated by forms with semi-structured questions. Our results are traces of a Social Technology that unites Basic Education Schools and Universities, with activities that reach curricular components, projects, courses, workshops, among other teaching and learning situations. We conclude that academic production shares useful information for dialogue about the curricular practice of Formative Itineraries and invites immersions in public and private educational institutions for a closer experience and records of perceptions of the phenomenon.

Keywords: Educational practices; Intergenerational education; Training itineraries; Education of youth and adults.

¹ Universidade Federal do Tocantins (UFT), e-mail: marlon.brito@uft.edu.br

INTRODUÇÃO

No trabalho, seguimos a visão de Juliá (2001) e indagamos sobre os desafios nas trocas e transferências culturais que se operam através da Escola. De modo que nosso universo de pesquisa são projetos em prol da Educação Ambiental em duas modalidades que se relacionam, de um lado a comunidade da Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT) e de outro duas Escolas de Educação Básica.

Escolhemos a UMA/UFT, por ser um espaço da Universidade de trocas indissociáveis entre o ensino, a pesquisa e a extensão, reconhecido como Tecnologia Social, com mais de quinze anos de atividades colaborativas em práticas educativas que alcançam pessoas idosas nas redes Municipal e Estadual do Estado do Tocantins.

Analizamos a relação que existe entre os Itinerários Formativos, ampliados na nova legislação e recomendados pela BNCC (2018), voltados à conservação ambiental, em sua referência de conjunto de unidades curriculares que devem ser ofertadas para o aprofundamento de conhecimentos e preparação dos alunos.

Complementamos o fichamento bibliográfico com estudos sobre a Cultura Escolar em sua apresentação de um conjunto de normas “que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar” (JULIÁ, 2001, p. 9), e como práticas que permitem a transmissão de conhecimentos e a incorporação de comportamentos. Ao passo que, para fins de bases temporais do que vivenciamos, verificamos práticas coordenadas no período de 2021 e 2022.

Encontramos na análise documental dos Projetos (BARDIN, 2011) referências de como a cultura escolar é construída no âmbito da Universidade Federal do Tocantins (UFT), em práticas com projetos de Educação Ambiental, além de contato direto com o os alunos e os agentes educativos da Universidade da Maturidade (UMA), na visão de que são homens e mulheres chamados a “obedecer a ordens” (JULIÁ, 2001, p. 9) da cultura escolar, por meio de dispositivos pedagógicos que facilitam a construção de condutas, dentre elas, as que se voltam à sustentabilidade.

Vale destacar os apontamentos de que a cultura escolar universitária é condizente com as proposta das Escolas de Palmas, Tocantins, cidade de concentração das análises, em preocupações com a sustentabilidade socioambiental que é promovida pela Educação intergeracional que acontece no envolvimento da pessoa idosa (VILLAS-BOAS, 2016).

Em nossas conclusões dessa percepção, concordamos em sair mais vezes e ir “além dos muros da universidade” para alcançar mais escolas e colher resultados de uma aproximação com culturas e diálogos que envolvam a construção coletiva em prol do envelhecimento ativo da população tocantinense, mediados por práticas sustentáveis de ensino e aprendizagem (OSÓRIO, SILVA NETO e NUNES FILHO, 2022).

Caminhos percorridos

O trabalho envolve a busca e organização das referências bibliográficas que amparam as análises e conclusões alcançadas no estudo de caso (BARDIN, 2011). Por meio dela encontramos Juliá (2011) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) e decidimos observar com mais cuidado as relações que envolvem a Cultura Escolar nos espaços alcançados pela pesquisa.

Depois, utilizamos roteiros de reuniões com alunos e agentes da UMA/UFT e de Escolas da cidade de Palmas que atuam com projetos na Educação Ambiental; além de formulários com perguntas semiestruturadas (MARCONI e LAKATOS, 2003), que serviram de motriz para os diálogos que enriquecem os resultados. Além disso, estão presentes os registros fotográficos e os vídeos gravados com os momentos de conversas, devidamente autorizados pelos sujeitos que neles estão, ou são citados.

Ao final, analisamos os resultados e constatamos serem suficientes para o que está posto no objetivo deste trabalho, pois conseguimos apontar como os Itinerários Formativos e a Cultura Escolar estão interligados no âmbito dos projetos de Educação Ambiental da UMA/UFT e de Escolas do Tocantins.

Ao passo que seguimos com as investigações, pois ainda faltam-nos dados suficientes para outras conclusões, além de novas hipóteses que foram levantadas (MINAYO, 2008). De modo que continuaremos nossas percepções, ampliaremos as discussões e colaboraremos com outras as publicações que envolvem o tema, convictos de que os periódicos são espaços de trocas entre aqueles que almejam compartilhar suas descobertas no âmbito técnico-científico.

A sustentabilidade como Itinerário Formativo

As Escolas de Palmas e a UMA/UFT ainda são vistas como “meio inventado pela burguesia para adestrar e normalizar o povo” (Juliá, 2001, p. 11), pois encontramos nos discursos dos documentos, alunos e agentes alcançados, que a sustentabilidade é algo superior à Escola, quase inatingível, pois “existem instituições responsáveis pelo Meio Ambiente”, ou seja, por manterem “intactas, as desigualdades herdadas, pela reprodução das heranças culturais” (*idem*).

Ou seja, os acadêmicos da UMA/UFT e as comunidades das Escolas de Educação Básica compartilham a convicção idêntica de que as mudanças necessárias para o alcance da sustentabilidade em nossa relação com o Meio Ambiente, dependem da vontade de “algo externo, todo-poderoso” e que somos meros coadjuvantes neste processo (REIGOTA, 2001, p. 35).

Contudo, para citar um documento classificado como norma orientativa, a BNCC nos convida a repensarmos nossas práticas educativas e:

Para responder a essa necessidade de recriação da escola [...] nesse cenário cada vez mais complexo, dinâmico e fluido, as incertezas relativas às mudanças no mundo do trabalho e nas relações sociais como um todo representam um grande desafio para a formulação de políticas e propostas de organização curriculares (BNCC, 2018, p. 462)

Diante disso, constatamos que os Itinerários Formativos, mesmo pouco conhecidos, são possibilidades curriculares que podem ultrapassar “barreiras” e entrarem, efetivamente, nas salas de aula. Para isso, precisamos mantê-los presentes nos diálogos de construção de currículos escolares e utilizá-los na contribuição para que os projetos pedagógicos colaborem com transformações sociais de liberdade e justiça socioambiental (FREIRE, 1987).

Acreditamos ser oportuno divulgar aqui a importância de interpretação dos diagnósticos sociais, resultantes de uma leitura crítica de características sociopolíticas, já que os Itinerários Formativos, em suas construções do currículo escolar e aplicações práticas, permitem o alcance transversal às demais áreas do conhecimento (Figura 1):

Figura 1 - Itinerários Formativos na BNCC



Fonte: (BNCC, 2018, p. 469)

Paulo Freire recomenda essa busca transversal, que pode ser alcançada na conversa com outros e no conhecer as características socioculturais e interesses da população em que a Escola está inserida. De modo que a busca pela compreensão e ampliação de projetos de Educação Ambiental alcança outros teóricos neste caminho.

Afinal, ao se observar as publicações sobre o tema, chamou-nos a atenção a dualidade nas respostas que apontam os Itinerários Formativos, ora como “inovadores”, ora, ao contrário, como “poucos eficientes”. Ou seja, notamos a situação simplista que existe quando as normas são aprovadas sem a participação efetiva da comunidade escolar, já apontada por pesquisadores e teóricos da Educação Nacional.

Julia (2001) e Osório (2011) estão entre os autores que chamam a atenção para a necessidade de contextualizarmos as fontes que encontramos e nos alertam de que, se olharmos só para elas, constataremos mudanças muito pequenas que “insensivelmente transformam o interior do sistema” (p. 15), dentre eles, por encadeamento, vislumbramos as práticas educativas voltadas à conservação do Meio Ambiente.

Neste caminho, lembramos de Freire (1987) e Andreola (2000) ao escreverem sobre a necessidade de “indignação do educador” para questionar o que está posto e buscar resposta a partir de vivências sociopolíticas. Sobre isso, Andreola afirma:

A aventura de compreender os segredos da vida não pode se reduzir, por isso, a uma tarefa solitária ou ao empreendimento paralelo e estanque das diferentes ciências. A visão do todo, a perspectiva da totalidade impõe como necessidade (ANDREOLA, 2000, p. 68)

Por fim, o que compartilhamos envolve nossas percepções sobre uma vivência com acadêmicos, técnicos e professores, em suas atividades de projetos socioambientais, tendo em vista que por meio delas, queremos continuar e ir além da grande escala de normas que regem as Escolas de Educação Básicas e a própria Universidade, buscar respostas mais próximas da realidade.

Portanto, continuamos o caminho diante das inquietações de como a sustentabilidade é trabalhada nos currículos escolares e de como a norma sobre Itinerários Formativos é aplicada no âmbito de escolas tocantinenses. Cientes do alerta de Osório (2011) para o cuidado com os estudos de regulamentos, como a BNCC, pois é necessário irmos para dentro das escolas e das universidades, vivenciar como acontecem as interpretações teóricas em práticas pedagógicas.

Considerações finais

Ao seguirmos as análises que Juliá (2011), encontramos muitas referências a situações que envolvem a construção de nossa compreensão sobre Cultura Escolar e a recepção dos Itinerários Formativos como parte do currículo das Escolas de Educação Básica. Com o autor, compreendemos melhor os conceitos que dificultam nosso avançar para além de nossos muros, sejam eles da Universidade ou mesmo da Escola.

De modo que as concepções de Meio Ambiente estão entre as que carecem de atenção em pesquisas que abordam as possibilidades humanas de contribuir, em suas vivências, com hábitos de desenvolvimento sustentável para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir a paz e prosperidade de todas as pessoas.

Continuaremos nossas análises para compreender os conflitos que envolvem os interesses políticos daqueles que estão no poder nos dois espaços: uns na UMA/UFT e outros nas Escolas de Educação Básica. Sabedores de que publicar trabalhos como este auxiliam no alcance de mais pessoas para dialogarem e discutirem, em todos os espaços,

a ideia de desenvolvimento aliada à possibilidade de crescimento econômico e provimento das necessidades humanas, sem exaurir as capacidades ambientais.

Afinal, seguimos com indignação contra os processos que coíbem o diálogo, assim como aconteceu em outros momentos de mudanças na história de nossa educação. Entretanto, temos como estratégia de luta envolver a pesquisa e divulgar dados sobre as mudanças na BNCC (2018) que fortalecem as resistências e permitem que escolas e universidades sejam mais independentes.

REFERÊNCIAS

ANDREOLA, B. A. **Carta-prefácio a Paulo Freire**. In: FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BNCC. **Base Nacional Comum Curricular, parte da Educação Infantil**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2018. BRASIL. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 14 de jul. de 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**, 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

JULIA, D. **A cultura escolar como objeto histórico**. Revista brasileira de história da educação, v. 1, n. 1 [1], p. 9-43, 2001. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749> Acesso em 24 de jul. de 2022.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed.-São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 27 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

OSÓRIO, N. B. **Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins: Uma proposta educacional para o envelhecimento digno e ativo no Tocantins**. Palmas: UFT, 2011.

OSÓRIO, N. B.; SILVA NETO, L. S.; NUNES FILHO, F. A. **GeronTOcantins: estudos sobre a educação ao longo da vida na Amazônia legal**. Organizadores. Ponta Grossa - PR: Atena, 2022. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-ebook/5162> Acesso em: 31 de jul. de 2022.

REIGOTA, M. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

VILLAS-BOAS, S. *et al.* **A educação intergeracional no quadro da educação ao longo da vida-Desafios intergeracionais, sociais e pedagógicos.** Investigar em Educação, v. 2, n. 5, 2016.

Recebido em: 2022

Aprovado em: 2022

Publicado em: 2022